

O papel da oração de Jesus em Joseph Ratzinger/Bento XVI¹

The role of Jesus' prayer in Joseph Ratzinger/Benedict XVI

THADEU LOPES MARQUES DE OLIVEIRA*

LUIS CARLOS PEREIRA SANTOS DA SILVA**

Resumo: O objeto da pesquisa apresentada neste artigo é a oração de Jesus em Joseph Ratzinger/Bento XVI. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, de caráter histórico-genético e analítico, busca-se demonstrar a importância da oração de Jesus para a cristologia de Joseph Ratzinger/Bento XVI. É possível constatar que a oração de Jesus é um dos pilares fundamentais da cristologia de J. Ratzinger/Bento XVI. A cada ocasião em que se dedicou ao tema, não houve qualquer espécie de ruptura, ao contrário, constatase aprofundamento contínuo. Ao analisar a questão em seu pontificado, conclui-se que as reflexões empreendidas enquanto teólogo e professor, foram aprofundadas e utilizadas, não só em questões teológicas, mas ganharam uma amplitude de aplicação em questões de espiritualidade cristã e pastoral.

Palavras-chave: Bento XVI. Cristologia. Jesus. Joseph Ratzinger. Oração.

Abstract: The object of the research presented in this article is the prayer of Jesus in Joseph Ratzinger/Benedict XVI. Through a bibliographic research of historical-genetic and analytical character, we seek to demonstrate the importance of Jesus' prayer for the Christology of Joseph Ratzinger/Benedict XVI. It can be seen that Jesus' prayer is one of the fundamental

1 Esse artigo é resultado de uma pesquisa afiliada ao grupo de pesquisa "A Teologia de Joseph Ratzinger e o Magistério de Bento XVI". Os autores são extremamente gratos ao Prof. Dr. Mons. Antônio Luís Catelan Ferreira, líder do grupo e orientador dos autores.

* Thadeu Lopes Marques de Oliveira é Mestre em Teologia Sistemática e Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e doutorando em Teologia Sistemática e Pastoral pela PUC-RJ. Membro do grupo de pesquisa A Teologia de Joseph Ratzinger e o Magistério de Bento XVI. Contato: thadeufiloteo@gmail.com

** Luis Carlos Pereira Santos da Silva é Mestre em Teologia Sistemática e Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e doutorando em Teologia Sistemática e Pastoral pela PUC-RJ. Membro do grupo de pesquisa A Teologia de Joseph Ratzinger e o Magistério de Bento XVI. Contato: lucarlos.silva@gmail.com

pillars of J. Ratzinger/Benedict XVI's Christology. Whenever he devoted himself to this theme, there was no rupture whatsoever, but a continuous deepening. When analysing the issue in his pontificate, we may conclude that the reflections undertaken as a theologian and professor were expanded and applied not only in theological issues, but they gained a breadth of application in matters of Christian spirituality and pastoral.

Keywords: Benedict XVI. Christology. Jesus. Joseph Ratzinger. Prayer.

Introdução

A questão sobre a figura e a mensagem de Jesus é fundamental, em Joseph Ratzinger/Bento XVI. Sua problematização, no texto *Que significa Jesus Cristo para mim?* publicado em *Dogma e Anúncio* (RATZINGER, 2005, p. 119), e a forma como, por exemplo, o autor apresenta a trilogia *Jesus de Nazaré*, confirma isso. Nesse contexto, a noção que “na palavra Filho existe a originalidade de Jesus” (RATZINGER, 2016, v.1, p. 291), atravessa toda a sua cristologia. Desde *Introdução ao Cristianismo*, Ratzinger assinalou que o termo Filho fez parte do vocabulário usado por Jesus “no círculo mais íntimo dos seus discípulos”. Para o autor, tal expressão remonta “à vida de oração de Jesus”, correspondendo perfeitamente ao fato de “Jesus mesmo se chamar de filho”, o que exprime o “caráter peculiar da oração de Jesus” e, finalmente, explicita a “sua consciência de Deus” (RATZINGER, 2005, p. 166-167). A condição de Filho, desse modo, deve ser compreendida como a chave interpretativa fundamental da figura de Jesus no pensamento de Ratzinger, uma vez que interfere em toda a sua existência histórica. Em suas obras, Jesus é descrito como o que vive, atua e “fala sempre como Filho” (RATZINGER, 2016, v.1, p. 70) e, neste sentido, a condição histórica radical de Jesus postula aquela ontológica de Filho, tendo esta perseverado na fé pós-pascal e não o contrário (RATZINGER, 2019, p. 82-83).

Subjaz a esta temática, uma crítica de Ratzinger, ao uso do método histórico-crítico em cristologia e uma busca pelo seu aperfeiçoamento. Ele não rejeita o método, ao contrário, estimula seu uso, dialoga criticamente, busca algumas respostas para os problemas suscitados pelo seu uso nas cristologias contemporâneas e oferece, nesse âmbito, uma série de proposições essenciais para os problemas por ele enfrentados ao aprofundar o tema da oração de Jesus.

O presente artigo pretende analisar a importância da oração de Jesus na teologia de Ratzinger e no Magistério de Bento XVI. Seu ponto de partida é a apresentação de um breve percurso histórico, feito por Ratzinger, de algumas tendências contemporâneas da cristologia, questão relacionada ao tema desse artigo (primeira seção). Em seguida, na segunda seção, se passará à análise da oração de Jesus, conforme o desenvolvimento que faz em sua teologia, mais

precisamente, a partir das teses dedicadas à oração de Jesus, conforme suas reflexões em *Pontos de referência cristológicas*. A terceira seção é dedicada à análise da oração de Jesus no Magistério de Bento XVI, dando ênfase à parte específica de um ciclo de suas catequese.

1 Tendências na cristologia contemporânea

Em *Um novo canto para o Senhor*, Ratzinger fez uma afirmação importante acerca do contexto de suas configurações metodológicas e hermenêuticas, em cristologia. Estas surgiram da sua análise ao uso do método histórico-crítico na cristologia moderna: “A crise da fé em Cristo começou na época moderna, com uma forma diferente de ler a Sagrada Escritura, a única aparentemente científica, porém o problema a respeito da forma que temos que ler a Bíblia está ligado, inseparavelmente, ao problema de Cristo” (RATZINGER, 2005b, p.11). Ratzinger buscou questionar o uso do método histórico-crítico em cristologia, marcado hermeneuticamente, por filosofias modernas. Tal questão marcou sua cristologia mais madura, o *Jesus de Nazaré*. Nela, respondeu a algumas tendências cristológicas baseadas na exegese histórico-crítica que, segundo ele, decompueram a figura de Jesus, deixando em situação precária a fé cristã, posto que, segundo alguns, a afirmação da divindade de Jesus é um acréscimo posterior à Bíblia (RATZINGER, 2007a, p. 9-19). Segundo Gabino Uríbarri, Ratzinger tinha como objetivo mostrar a consistência e a confiabilidade dos Evangelhos, em sua apresentação de Jesus, para recuperar a fé da Igreja e dos que buscam a Cristo por meio da Bíblia, porém, sem negar o valor da pesquisa histórica, não deixando de responder aos seus questionamentos e atentando para os seus limites (URÍBARRI, 2009, p. 25-66). Segundo José V. Taléns, a cristologia de Ratzinger é uma tentativa de resolver a questão metodológica, em face do abismo aberto entre o chamado Jesus histórico e o Cristo, da fé da Igreja. Para esse autor, a cristologia de Ratzinger relativizou, de forma crítica e racional, o método histórico-crítico, deixando claro que esse não é único modo de acesso a Jesus, apesar de ter deixado bem claro a sua necessidade, relacionada ao caráter histórico da fé cristã (VIDAL, 2009, p. 67).

Esta preocupação acompanha Ratzinger desde a *Introdução ao Cristianismo*, na qual, oferece um panorama de como as questões cristológicas atuais estão ligadas ao historicismo e à má compreensão da epistemologia teológica. Ele busca, em autores de grande expressão, as tendências que guiam grande parte da cristologia. Para Ratzinger, o Credo cristão identifica em Jesus o filho de Deus. Este é o eixo central, a afirmação mais importante da fé cristã, o que mais choca a mentalidade moderna (RATZINGER, 2005c, 41-48). Ratzinger pergunta se é possível construir a história da salvação a partir de um único evento, tendo em vista os pressupostos historicistas do pensamento moderno e as consequências do método histórico-crítico (RATZINGER, 2005a, p. 145-147).

Quantas vezes se esquece que a verdade plena da história foge à comprovação por documentos, da mesma maneira que a verdade do ser se furta ao método experimental. Por isso, chega-se à conclusão de que a ciência histórica no sentido estrito do termo tanto descobre a história quanto encobre. É óbvio, portanto, que ela possa ver o ser humano Jesus, mas que será difícil para ela descobrir o seu ser como Cristo, porque essa realidade, como verdade da história, não se deixa enquadrar nos procedimentos comprobatórios daquilo que é apenas certo (RATZINGER, 2005a, p. 147).

Tal reflexão reapareceu em *Caminhos de Jesus Cristo*, impulsionada pelas mesmas questões. Ratzinger apresentou as diferentes formas de cristologia, possibilitadas graças a Reimarus (RAZINGER, 2005d, p. 57-64). Este contexto contribuiu para o surgimento de figuras históricas de Jesus adaptadas ao contexto burguês. Para Ratzinger, a crítica feita por Albert Schweitzer a essa tendência, nos estudos sobre Jesus, não foi profunda o suficiente para deixar claro que não se pode separar a essência divina de Jesus das formas históricas em que se configurou. A pesquisa histórica continuou prescindindo da fé, criando diferentes imagens, dificultando o acesso ao verdadeiro Jesus, que é o Cristo (RATZINGER, 2005e, p. 57-59). Ratzinger apresentou quatro correntes, representadas por Adolf von Harnack (1851-1930), Rudolf Bultmann (1884-1976), Wolfhart Pannenberg (1928-2014) e Jürgen Moltmann (1926).

Em seu livro *Jesus de Nazaré*, Ratzinger afirma estar nas antípodas da teologia de Harnack, considerado por ele, quem mais divulgou a separação entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, enxergando este como produto da comunidade eclesial dos primeiros séculos (URÍBARRI, 2009, p. 31-33). Questão crucial para Ratzinger. Harnack retratou Jesus com o coração voltado apenas para o amor, colocando a moral no lugar do culto e o individual no lugar do coletivo (RATZINGER, 2005e, p. 59). Harnack apresenta uma interpretação do Cristianismo marcada pelo antidogmatismo, que, na esteira do Liberalismo, desqualifica o Credo, buscando comprovar que houve um processo de helenização no cristianismo que se reflete em seus dogmas, principalmente, nos dos grandes Concílios. Uma das afirmações fundamentais deste autor é que não é o Filho, mas o Pai, o conteúdo principal da pregação de Jesus. Ele sustentava que a profissão da fé no Filho havia causado mais divisões do que bem, e que a figura de um Pai comum, geraria união. Buscou opor Jesus ao Cristo, para relativizar o Filho e centralizar o Pai, pois assim, pensava Harnack, se estaria próximo do verdadeiro amor. Quando Jesus pregou o evangelho do Pai, uniu, quando a Igreja dogmatizou a figura do Filho, tornando-o o conteúdo central da pregação, causou a ruptura. Segundo tal visão, Jesus havia sido um antidogmático, que pregou o amor e era contra toda religiosidade. Assim, ele procurou se aproximar do Jesus da história, dono do verdadeiro evangelho do Pai. O verdadeiro Jesus não se compreendia como o Filho. Os que seguem Harnack, problematizam a questão da autoconsciência filial e divina de Jesus (RATZINGER, 2005, p. 149-150).

Segundo Ratzinger, a Igreja Primitiva se viu desafiada a nomear Jesus, de acordo com as experiências vividas com ele, pois buscava conhecer o mistério íntimo do seu ser, quem era e de onde viera. A confissão de Pedro, de que Jesus era o Cristo, o Messias, apesar de ser um guia inicial, não foi suficiente, visto a pluralidade de significados que a palavra tinha no contexto da época. Apesar de ter sido o ponto de cristalização da confissão acerca da pessoa de Jesus, aglutinou em torno de si muitos outros termos, como: profeta, sacerdote, Filho de Deus, Filho etc (RATZINGER, 1986a, p. 70-71). O processo de nomeação foi se concentrando cada vez mais em alguns termos, que resultaram em: Cristo, Senhor e Filho de Deus. O termo “Filho” ganhou proeminência. O termo Cristo (Messias) fundiu-se com o nome próprio Jesus. Porém, fora do ambiente judaico, o termo tinha pouca significação objetiva. O termo Senhor tinha um significado menos preciso. O termo Filho abarca os outros dois e os reinterpreta de forma clarificante. Com o termo “Filho”, a comunidade eclesial se contenta. Esse termo não é redutor, é a chave para compreender os demais (RATZINGER, 2007b, p. 14-16). Nisso, Ratzinger identifica um dos motivos dos questionamentos da exegese liberal, influenciada pela escola da história dos dogmas e pela metodologia que ele buscou debater. Essa tendência identifica no termo “Filho” uma falsificação posterior, da história real de Jesus e a compreensão que seus seguidores tinham dele em vida (RATZINGER, 1986a, p. 71). Para Ratzinger, assumir o termo “Filho”, como chave para a genuína compreensão de Jesus, não é, ao contrário do que os liberais diziam, um erro, mas ter uma postura semelhante à da Igreja primitiva. Para Ratzinger, chamá-lo de Filho não é sobrecarregar Jesus com o produto tardio e helenizado do dogma, mas estar de acordo com a experiência histórica originária, pois os Evangelhos testemunham que as palavras e ações de Jesus brotavam da intimidade do seu ser com o Pai. Ratzinger irá propor que essa característica, o centro de sua pessoa, fica mais evidente, quando é analisado, de forma profunda, o ato da oração de Jesus.

Ratzinger analisa outro grupo, representado por Bultmann. Esse buscou fugir do problema histórico, considerado sem relevância. Tal tendência foi responsável pela consolidação da cisão entre o Jesus e o Cristo. Buscavam adequar a cristologia ao que pode ser comprovado, historicamente. Tal projeto, chamado demitologização influenciou muitos teólogos. A imagem de Jesus criada por Bultmann é chamada por Ratzinger de “o Jesus existencialista” (RATZINGER, 2005a, p. 150). Esta tendência determinou a forma e o conteúdo de grande parte do pensamento teológico de seu tempo e da posteridade (RATZINGER, 2005e, p. 59). Bultmann, que testemunhou a mentalidade liberal ser criticada, optou pelo caminho oposto. O que interessa em Jesus é tão somente o fato de que existiu. A fé não se refere a hipóteses inseguras, mas ao anúncio da Palavra que abre à existência humana sua verdadeira autenticidade (RATZINGER, 2005a, p. 150). O foco maior está no Cristo da Fé. Importante não é o Filho ou o Pai, mas o conteúdo da pregação. É vigorosa, aliás, a afirmação da hermenêutica bultmanniana, de que “nós não podemos

saber nada da vida e da personalidade de Jesus” (BULTMANN, 2003, p. 9). Haveria, assim, uma descontinuidade na pregação apostólica, um afastamento da real pregação de Jesus, de um modo tal que o Jesus histórico não pertenceria à teologia do Novo Testamento.

Em Bultmann, são encontrados os pressupostos da demitologização e da hermenêutica existencialista. Além dessas questões, Ratzinger busca responder aos desafios que surgiram pela aplicação da crítica das formas, como desenvolvida por Bultmann, nas análises exegéticas dos Evangelhos. A ferramenta metodológica desenvolvida por ele dificultava o acesso às palavras de Jesus, pois sustentou a hipótese de que os Evangelhos são produtos de sucessivas tradições e reinterpretações. Tais afirmações estimulam, segundo Ratzinger, descrença em relação ao próprio Jesus (RATZINGER, 1996, p. 120-126). No fundo do programa da demitologização está a pergunta: Deus age na história? Para Ratzinger essa questão está ligada a muitos dos problemas das cristologias contemporâneas. Muitas são, para ele, uma redução ou adaptação ao aceitável pela mentalidade moderna. Ratzinger afirma que o amadurecimento filosófico e hermenêutico demonstrou que os resultados teóricos seriam apenas reflexos de uma visão particular (RATZINGER, 1996, p. 115). Assim, enquanto o primeiro grupo buscava seu apoio no Jesus da história, prescindindo do Cristo da fé, o segundo grupo optou pelo Cristo em detrimento do Jesus. Essas duas tendências se situam na teologia contemporânea a partir da segunda metade do século XX. O que as definirá são as escolhas filosóficas ou o espírito do pensamento do momento (RATZINGER, 2005a, p. 148-149).

Outras tendências são representadas por Pannenberg e Moltmann. Ratzinger entende que o primeiro buscou responder a tais questões aderindo à formalidade do pensamento historicista. Tentou abordar a cristologia clássica, representada pelas afirmações do Credo Apostólico e dos grandes Concílios, por meio da ciência histórica do certo e do comprovável. De acordo com Ratzinger, isso não poderia resultar em sucesso, pois o aspecto histórico, no sentido estrito, se limita apenas à história e ao fenômeno. Mesmo comprovados não seriam o suficiente para a cristologia. Para Ratzinger, ao buscar analisar os dados da fé cristã apenas pelo viés histórico, corre-se o sério risco de não compreender a dinâmica completa da Revelação divina, o desenvolvimento das verdades de fé e a natureza da fé cristã. Cristologia não é a história sobre Jesus ou da disciplina, mas encontrar Deus nessa história. Sua intimidade e comunhão com seu Deus e Pai – e, nesse ponto, sua oração ocupa um espaço privilegiado e constante da sua experiência e comunicação com Deus – aparecem como “o centro da vida e da pessoa de Jesus” (RATZINGER, 2005a, p. 147-148). Moltmann introduziu uma imagem de Jesus focada, majoritariamente, no futuro e na promessa. Em Jesus, repousaria o conhecimento antecipado e provisório do futuro. Um Jesus marcado pelo marxismo, um revolucionário, que morreu como um combatente pela libertação política e social. A transcendência do futuro, apresentado por Jesus, torna-se uma esperança imanente (RATZINGER, 2005e, p. 60). Esse Jesus coincide, em suas linhas gerais, com algumas cristologias das Teologias

da Libertação. Um novo Moisés, responsável pela libertação social e econômica dos pobres (RATZINGER, 2005b, p. 12-19). Para Ratzinger, o perigo que reside nessa corrente é o aprisionamento da cristologia a determinadas ideologias políticas.

2 A oração de Jesus na teologia de Joseph Ratzinger

Para Ratzinger, “na comunhão filial de Jesus com o Pai, a alma humana de Jesus era envolvida no ato da oração” (RATZINGER, 2007a, p. 26). Nesta declaração é encontrado um dos fundamentos presentes já em suas primeiras reflexões cristológicas, a oração, que desde a *Introdução ao Cristianismo*, surge como chave para a compreensão do título “Filho” (RATZINGER, 2005a, p. 166-170). A oração de Jesus é um dos principais pontos de partida da cristologia, fundamentada nos Evangelhos canônicos. Uríbarri salienta, que para Ratzinger, o que importa não é apenas o fato de que Jesus orava e a ênfase dada pelos evangelistas a esse dado, e quais implicações hermenêuticas e metodológicas decorrentes, mas também, a necessidade de o teólogo colocar-se no mesmo ato de oração, para adentrar o ser mais profundo de Cristo (URÍBARRI, 2009, 34-35). Esse autor enfatiza a observação que fez Ratzinger, ao afirmar que Jesus não excluiu seus discípulos de sua oração, mas tornou-a conhecida por alguns que o seguiam. Tal fato possui um significado muito importante. Tal ato de Jesus não é compreendido apenas pelos olhos da historicidade, transcende-a, sendo necessário superá-la para ter acesso à pessoa de Jesus (URÍBARRI, 2016, p. 363-390). Segundo José V. Taléns, a oração de Jesus, em Ratzinger, une epistemologia teológica e hermenêutica, e trata-se de um “um convite constante a olhar, contemplar, Jesus orando em intimidade com Deus seu Pai; olhar ‘para o que transpassaram’; e reconhecer, em virtude de e por meio das relações trinitárias, como o Filho de Deus” (VIDAL, 2009, p. 67). Em *Pontos de referência cristológicos*, Ratzinger também propôs a oração de Jesus como a chave de acesso à sua pessoa, um dos fundamentos principais do que ele chamou cristologia “espiritual”. Nesse texto – principal fonte da presente seção sobre a oração de Jesus em Joseph Ratzinger, pois nele tal reflexão temática aparece de forma mais desenvolvida e sistematizada – encontram-se quatro teses dedicadas à oração de Jesus, que em seguida serão analisadas.

2.1 A oração de Jesus no monte, fundamento de ações principais.

Na primeira tese, Ratzinger, referindo-se à oração, afirma que “segundo o testemunho da Sagrada Escritura, o centro da vida e pessoa de Jesus é sua permanente comunicação com o Pai” (RATZINGER, 2007b, p. 14). Antes das ações que identificam a sua pessoa e obra, Jesus dialogava em oração com o Pai algumas vezes, a sós no monte, local onde é possível penetrar na profundidade de Jesus. Na primeira tese, o autor defende a ideia de que os evangelistas, ao

relatarem a vida de Jesus, buscando compreender sua pessoa, tinham na oração uma das chaves principais. Nela, o relacionamento filial e a autoconsciência de Jesus são evidenciadas. Ratzinger justificou essa afirmação, por meio de uma análise de determinados textos bíblicos e afirma, que o evangelista que expressou essa realidade, com ênfase, foi Lucas. Para demonstrar, citou três exemplos, em que valoriza os momentos em que Jesus orou no monte, associando tal fato às decisões fundamentais de Jesus (RATZINGER, 2007b, p. 17).

Primeiro: o chamado dos Doze Apóstolos (Lc 6, 12-17). Para Ratzinger, tal narração do Evangelho de Lucas quer simbolizar o início da Igreja. Antes desse fato, Jesus passou a noite no monte em oração (RATZINGER, 1986a, p. 72-73). Não só o chamado dos Doze procede do seu relacionamento com o Pai, mas, de acordo com sua interpretação, a Igreja também é fundada a partir da oração de Jesus (RATZINGER, 2007b, p. 18). Na obra *Jesus de Nazaré*, Ratzinger novamente aborda esse texto (RATZINGER, 2007a, p. 153-155).

Segundo: a confissão mais antiga a respeito de quem seria Jesus, feita por Pedro, após ser indagado pelo mestre a respeito de quem os homens diziam que ele era, constitui o ministério de Pedro, bem como a ligação da Igreja ao seu primado. Esta confissão de fé é a vida da Igreja, que abre o mistério do sentido do ser humano, da Igreja, de Jesus e de Deus. Tal confissão, explicita Ratzinger, é narrada por Lucas, no contexto da iniciação na oração de Jesus. Deste modo, o evangelista deixa patente que Pedro compreendeu e expressou a verdade do Cristo, pois contemplou seu mestre orando (Lc 9, 18-20), em comunhão de ser com o Pai (RATZINGER, 1986a, p. 73-74). Por isso, a confissão cristã procede da participação no ato de Jesus, na sua inclusão, participando, como crente, do mais íntimo do seu ser. “A Igreja surge da participação na oração de Jesus” (RATZINGER, 2007b, p. 18-20). Comparando o teólogo a Pedro, nosso autor salienta a importância da oração para a produção da cristologia.

Terceiro: a transfiguração de Jesus. Para Ratzinger, na tradição dos Evangelhos e do Judaísmo, o monte significa o lugar de oração e revelação, e remete às ocasiões fundamentais para o povo de Israel. O monte representa, na vida de Jesus, a ligação com o Pai. Jesus levou para o monte Pedro, Tiago e João: o núcleo mais íntimo dos Doze. Enquanto Jesus orava, transfigurou-se. Lucas mostra que só pode ver essa realidade de Jesus aquele que o acompanha em oração, e, assim, participa no resplendor da luz de Deus, bem como na manifestação do verdadeiro significado do Antigo Testamento e da história da salvação (RATZINGER, 1986a, p. 74). A manifestação do mais profundo do ser de Jesus no ato de oração, ambientado no monte, não é por acaso; os evangelistas tinham consciência clara de tal realidade. A transfiguração é uma espécie de antecipação da ressurreição e da *parousia*. A transfiguração mostra que Jesus não poderia permanecer morto. Para Ratzinger, Lucas quer expressar que “todo o falar de Cristo, a cristologia, não está em outra coisa que na explicação de sua oração” (RATZINGER, 2007b, p. 20-21).

Ratzinger também cita trechos dos outros Evangelhos, para demonstrar a importância da oração de Jesus. O primeiro texto é a oração de Jesus no Monte das Oliveiras (Lc 22, 39-46; Mt 26, 36-46; Mc 14, 32-42), no início de sua Paixão, o monte da solidão (RATZINGER, 1986a, p.75). Nesse relato, Jesus chama a Deus com o vocativo “*abba*”, transmitido por Marcos em aramaico. Essa forma de dirigir-se a Deus, supera a forma de oração usada até então pela tradição judaica. Este termo exprime um novo modo de relação com Deus, que só poderia ser expressa, na realidade de Jesus, com o nome “Filho”. Ao salientar tal dado nosso autor, provavelmente, quer responder à questão da autoconsciência de Jesus, relativizada pela teologia liberal. Ratzinger afirma que, na tradição evangélica, Jesus nunca designou os discípulos, ou outros homens, como “filhos”, com relação a Deus, da mesma forma como ele fazia. Da mesma forma, distinguiu claramente, a alocação “meu Pai” da paternidade geral de Deus que vale para todos (RATZINGER, 2007a, p. 131). O tratamento “Pai nosso” é pensado para os discípulos que rezam no “nós” da comunidade, mostrando que, em conjunto com Jesus, a comunidade se dirige a Deus como Ele, pois o faz em nome Dele (RATZINGER, 1986a, p. 75). A unidade entre ser e relação é essencial, na pessoa de Jesus, e não se manifesta apenas quando o termo “Filho” é usado, mas também em outras expressões, como: “para isso eu vim” (Jo 18, 37) e “para isso fui enviado” (Lc 4, 43). Da mesma forma, Ratzinger entende que o Evangelho de João aprofunda o que a antiga tradição dos sinóticos afirmavam acerca das palavras “Filho” e “missão”, introduzindo-nos na intimidade de Jesus, como amigos capazes de olhar o fundo do seu ser. “Segundo a consciência de Jesus, assim como ela se expressa nos Evangelhos, Ele não fala ou atua por si mesmo, sim por outro, e para Ele é essencial providor desse Outro. Toda sua existência é missão, ou seja, relação” (RATZINGER, 2007b, p. 21-23). Nesta tese, além de abordar o valor da oração de Jesus, para a compreensão de como os evangelistas o apresentaram, Ratzinger empreende uma interpretação teológica das Escrituras, para fazer cristologia. Ele não foca apenas em tal área da teologia, mas extrai também dados importantes para a eclesiologia, ao interpretar o chamado dos Doze e o primado de Pedro.

2.2 A morte de Jesus. O cumprimento radical das orações dos salmos

Na segunda tese, Ratzinger afirma que “Jesus morreu orando. Na última ceia, Ele havia antecipado sua morte, enquanto se deu e repartiu a si mesmo, transformando, a partir de dentro, a morte em uma ação de amor, em glorificação a Deus” (RATZINGER, 2007b, p. 24). Ratzinger reconhece o valor da exegese histórico-crítica, pois o consenso dos exegetas é que Jesus morreu em oração. Nessa concordância, Ratzinger fundamenta a interpretação teológica do fato (RATZINGER, 1986a, p. 70) e, embora não faça exegese canônica, usa alguns de seus pressupostos, como a consideração da unidade literária da Bíblia (JUNKAL, 2008, p. 151-160), alguns elementos da interpretação alegórica e

tipológica dos Padres e, ainda, alguns resultados da exegese histórico-crítica, no sentido de propor um aperfeiçoamento do método histórico, visando a uma exegese que seja teologia (URÍBARRI, 2014, p. 81-111).

Para Ratzinger, a morte de Jesus foi um ato de oração. Segundo Mateus e Marcos, Jesus gritou o Salmo 21: “Deus meu, Deus meu! Por que me abandonaste?” (Mc 15, 34; Mt 27, 46), para indicar que esse Salmo se referia às esperanças messiânicas. Ao gritar este Salmo, Jesus interpretou e deu significado à sua própria morte, em oração revelou o mistério do seu ser. Com a ressurreição, esse fato se cumpre, passando a ser compreendido como verdadeira palavra de Jesus. O que era anônimo tornou-se realidade concreta, na carne de Jesus (RATZINGER, 2007b, 24-26). Segundo Ratzinger, os evangelistas concordam que as últimas palavras de Jesus expressam a sua doação ao Pai, prova de que ele permaneceu em constante diálogo, incessante oração, no mais profundo do seu ser, até mesmo na solidão da morte, o momento mais difícil. Citando as palavras da Escritura, transformou sua morte em um ato de oração. Assim, inseriu sua morte na Palavra de Deus, da qual viveu, morreu e cumpriu. Na oração de Jesus:

A morte, que segundo sua essência é o fim, a destruição de toda comunicação, é transformada por Ele em um ato de comunhão, em um estar em mútua comunicação. E isto é a redenção dos homens, pois significa que o amor vence a morte. Também podemos expressar o mesmo a partir de outro ponto de vista dizendo que a morte, que é o fim das palavras e o fim do sentido, se transforma ela mesma, em palavra e desse modo em morada do sentido que se doa a si mesma (RATZINGER, 2007b, p. 27-28).

O acontecimento da morte de Jesus, da qual também surge a eucaristia, foi realizado em oração. Sacramento principal da Igreja, foi antecipado e cumprido na vida de Jesus, em ato de oração. A aplicação na sacramentologia surge, assim, como um elemento original desta sua contribuição.

2.3 Iniciação do conhecimento teológico a partir do seguimento na oração de Jesus

Na terceira tese, Ratzinger quer fundamentar um ponto de partida da teologia: “Porque a oração é o centro da Pessoa de Jesus, a participação em sua oração é o pressuposto para conhecer e compreender Jesus” (RATZINGER, 2007b, p. 28). Para Ratzinger, o conhecimento depende da configuração de assimilação de quem conhece com o objeto conhecido. Pessoal e espiritualmente, para que haja conhecimento, é necessário certo grau de simpatia, pela qual a realidade espiritual correspondente se faz uma só coisa com a outra, tornando-se capaz de compreendê-la. Para Ratzinger, a oração

possui, no cristianismo, um significado especial, pois foi um ato constitutivo da pessoa de Jesus. Só é possível conhecer a Pessoa de Jesus, ao orar como ele (RATZINGER, 1986b, p. 112-113). A participação na oração de Jesus, que é um ato de entrega, não é uma espécie de piedade, na leitura do evangelho, mas uma chave que abre a natureza do conhecimento de Deus, que é relacional. Cristologia não é simplesmente sistematização de conteúdos bíblicos, mas conhecimento real e espiritual de Deus, através de Cristo (RATZINGER, p. 2007b, p. 28-30). Ratzinger quer superar o reducionismo histórico, salientando o caráter espiritual do conhecimento teológico e fundamenta uma teoria do conhecimento teológico, ligado à oração, no exemplo de Ananias, que foi enviado a Paulo, a fim de recebê-lo na Igreja (At 9, 10-19). A prova de que Ananias teria a verdade sobre Paulo é que ele estaria em oração. Ao orar, Paulo se liberta da cegueira e caminha em direção à visão espiritual. Ratzinger afirma que aquele que ora é como Paulo. A oração é como o olho do que ama. O mesmo evangelista que enfatizou a oração de Jesus, Lucas, também registra a abertura dos olhos de Paulo. Com isso, Ratzinger acredita que ele tinha uma intenção bem determinada, já que não seria sem propósito que o mesmo evangelista fez questão de explicitar que Jesus incluiu seus discípulos em seu ato de oração:

Os verdadeiros avanços da cristologia nunca vieram de uma pura teologia escolar, tampouco da moderna teologia, da história dos dogmas [...]. Tudo isso é importante [...]. Porém não basta: deve juntar-se à teologia dos santos, que é teologia da experiência. Todos os avanços teológicos reais têm sua origem no amor e em sua força visual (RATZINGER, 2007b, p. 30-31).

Nesta tese, Ratzinger salienta a natureza espiritual da teologia e a necessidade da fé, explora a necessidade do discipulado e da conversão a Jesus (RATZINGER, 2012, p. 39-52). Imitá-lo em oração é fundamental. Teologia não é apenas processo de conhecimento racional, mas também seguimento existencial, que exige do sujeito total entrega, em oração, a Deus.

2.4 Oração. Comunhão com o Corpo de Cristo, ambiente para o seu conhecimento

Na primeira tese foi explicitado que Jesus iniciou seus discípulos na oração, na segunda e na terceira, a necessidade urgente do teólogo se colocar na dinâmica da oração. A quarta tese apresenta o local onde todo esse processo é concretizado, ou seja, na Igreja.

A comunhão, com a oração de Jesus, inclui a comunhão com seus irmãos. O ser, o estar com sua Pessoa, que surge do participar em

sua oração, constitui então essa companhia, esse ser-com abarcador e entranhável, que Paulo denomina “Corpo de Cristo”. Por isso, a Igreja – o “Corpo de Cristo” – é o verdadeiro sujeito do conhecimento de Jesus. Em sua memória, o passado se faz presente, porque nela Cristo está vivo e presente (RATZINGER, 2007b, p. 31).

Ratzinger salienta que Jesus ensinou seus discípulos a orar, dizendo: “Pai nosso” (Mt 6, 9). Nenhum homem pode referir-se a Deus como Jesus. Apenas na comunidade que Jesus inaugurou isso é possível, pois todos são criados por Deus, uns para os outros, e assumir a paternidade de Deus é reconhecer esse fato (RATZINGER, 1986a, p. 76). “Esse é o conteúdo mais profundo daquele acontecimento com o qual ensinou seus discípulos a dizerem “Pai nosso” (RATZINGER, 2007b, p. 35). A verdadeira invocação humana de Deus, como Pai, precisa que cada um esteja voltado para o próximo (RATZINGER, 2007b, p. 31). Ratzinger entende que ainda que Jesus tenha tido uma relação singular com o Pai, ele não abandonou a religião comunitária, viveu, como mostram os Evangelhos, a tradição judaica. Sua relação com o Pai também era um colóquio com Moisés e Elias (Mc 9, 4). Nesse diálogo, ele superou a letra e abriu o espírito do Antigo Testamento, para revelar o Pai no Espírito, mas essa superação não destruiu a tradição religiosa, levou-a à sua profundidade e cumprimento, renovando o povo de Deus, abrindo para todos o acesso ao Pai. Jesus transforma o antigo povo de Deus em novo, acolhendo os que creem nele na comunidade (RATZINGER, 1986b, p. 115). Ratzinger afirma que estar com, e, ver Jesus, pressupõe comunhão em e com o sujeito da Tradição viva, que a ele está ligada, a Igreja. Sem ela, a mensagem de Jesus não poderia sobreviver e gerar vida nos tempos futuros da história humana. O Novo Testamento pressupõe a Igreja, pois cresceu nela e a partir dela. A fé da Igreja é responsável pela sua unidade interna e com os escritos do Antigo Testamento. A união entre Tradição e conhecimento de Jesus é clara, nas páginas do Novo Testamento (RATZINGER, 1986b, p. 116).

Essa união do conhecimento religioso, do conhecimento de Jesus e de Deus com a memória comunitária da Igreja não separa nem dificulta, de modo algum, a responsabilidade pessoal da razão. Cria o lugar hermenêutico da compreensão racional, ou seja, conduz ao ponto de fusão entre o eu e os demais, e assim se transforma no âmbito de compreensão. Essa memória da Igreja vive por ser enriquecida e aprofundada pela experiência do amor que adora, porém também pode ser purificada sempre de novo pela razão crítica. A eclesialidade da teologia, segundo resulta do dito, não é, portanto, nem coletivismo teórico cognoscitivo nem uma ideologia que viola a razão, sim um espaço hermenêutico, que a razão necessita simplesmente para poder atuar (RATZINGER, 2007b, p. 37).

Nessa tese, Ratzinger afirma a Igreja e a Tradição como fundamentos para a compreensão das Sagradas Escrituras. Relacionando essas instâncias à Revelação divina e ao conhecimento de Jesus Cristo, salienta a natureza eclesial e espiritual da teologia. Se a terceira tese expressa a necessidade de o teólogo estar em ato de oração, a quarta tese explicita que uma oração autêntica só é possível como Igreja. Para que seja possível conhecer Jesus, é necessário estar inserido na Igreja. Esta tese responde, criticamente, determinadas tendências da teologia moderna, que buscavam separação entre teologia e Igreja, e acreditavam ser possível chegar ao conhecimento real sobre Jesus apenas pela metodologia histórica.

3 O tema da oração de Jesus no Magistério de Bento XVI

Como Papa, Bento XVI quis explicar a importância que para ele possui a oração. Embora o enfoque seja outro, com um tom mais pastoral e, em vistas da edificação da vida espiritual, o que se percebe é que, mesmo como papa, o autor não deixa de considerar a realidade da oração de Jesus, numa linha de continuidade da época de teólogo e professor. O tema aparece em reflexões suas, entre outras circunstâncias, no seu longo ciclo de cinquenta e duas catequeses desenvolvidas sobre essa temática, nas quais, aliás, se refere, especificamente, à oração de Jesus. Mas, também nas suas três Cartas Encíclicas, em seu Magistério homilético, em discursos e mensagens suas. Olhando, pontualmente, para a Audiência Geral de 30 de novembro de 2011 (BENTO XVI, 2017, v. 1, p. 8), Bento XVI reafirmou a ideia de que a oração atravessa toda a vida de Jesus. Aliás, a partir dali, ele retoma muitas das reflexões sobre a realidade da oração de Jesus, que aparecem, insistentemente, nos seus muitos escritos cristológicos, em que os traços característicos de Jesus, que deles emergem, podem ser apreciados nas descrições que o autor apresenta sobre o Jesus orante. Oferecendo uma verdadeira sinopse sobre o conteúdo que desejava apresentar, na referida ocasião, ele diz que “gostaria de começar a olhar para Jesus, para a sua oração, que atravessa toda a sua vida, como um canal secreto que irriga a existência, as relações e os gestos, e que o guia, com firmeza progressiva, rumo ao dom total de si mesmo, segundo o desígnio de amor de Deus Pai”. E prossegue: “Jesus é também o Mestre das nossas orações; aliás, ele é o apoio concreto e fraterno de todo o nosso dirigir-se ao Pai. [...] Como resume um título do Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, a oração é plenamente revelada e realizada em Jesus” (n.541-547) (BENTO XVI, 2013, p. 5). Para Bento XVI, portanto, Jesus não somente revela o significado profundo da oração, mas torna nela transparente o mistério profundo de sua figura e mensagem. E nesse sentido, reforça a noção de que apenas tomando parte na oração de Jesus se pode despertar para quem ele era e o que ele queria.

3.1 A espiritualidade judaica como pano de fundo da oração de Jesus

No exercício de seu Magistério catequético, Bento XVI prossegue, afirmando a oração de Jesus, como via segura, para o desenvolvimento de uma teoria do conhecimento teológico e hermenêutica cristológica, que se mantenham em conexão com a história de Jesus, no contexto da fé eclesial. E já na primeira catequese que desenvolveu sobre o tema, apresentou elementos que ajudam a descrever a vida de Jesus como um caminho de oração, que possui como pano de fundo toda a sua existência. Iniciada em casa, numa família profundamente ligada à tradição religiosa de Israel, não somente a oração, como a vida inteira de Jesus, não deixam de ser consideradas, por exemplo, no contexto judeu, ao demonstrar as muitas referências em que se pode entrever como Jesus “possui um longo hábito de oração íntima com o Pai, arraigada nas tradições, no estilo da sua família e nas experiências decisivas nela vividas” (BENTO XVI, 2013, p. 8). Esse é um elemento importante a ser considerado, na medida em que aponta para o fato de o Papa ter mantido aquela interlocução, da época de teólogo, quanto aos temas centrais da cristologia contemporânea e ao desenvolvimento atual da pesquisa sobre o Jesus histórico, como o da sua *judaicidade*, por exemplo. Bento XVI retorna a essa temática, aliás, pelo menos mais uma vez, pretendendo meditar sobre como a oração faz parte da vida doméstica de Jesus (BENTO XVI, 2013, p. 33). Nessa catequese, o autor procura apresentar a oração de Jesus, a partir de alguns dos eventos narrados nos chamados evangelhos sobre a infância de Jesus: cita o episódio da apresentação de Jesus no templo; descreve Maria, a mãe de Jesus – através das narrativas da anunciação, do nascimento de Jesus e de cada momento de sua existência – como insuperável modelo de contemplação de Cristo; refere-se a José, juntamente com Maria, como o responsável por educar Jesus na oração; e, ainda, à ocorrência da perda e encontro de Jesus no Templo, aos doze anos, durante uma peregrinação a Jerusalém, reforçando que “convém observar o eco que teve nos corações de Maria e de José, ouvir dos lábios de Jesus a palavra Pai, e revelar, sublinhar quem é o Pai, e ouvir dos seus lábios, com a consciência de Filho Unigênito, que exatamente por isso, quis permanecer três dias no Templo, que é a casa do Pai” (BENTO XVI, 2013, p. 33-39).

Evidentemente, também, aqui está presente uma significativa acentuação cristológica nos eventos narrados no contexto dos evangelhos da infância. Todavia, não se pode, de modo algum, ignorar que Bento XVI procura dar o devido valor aos aspectos da espiritualidade familiar judaica, que cercava e, de alguma maneira, circunscrevia os primeiros anos da formação humana de Jesus, nos atos da piedade do israelita. Nesta perspectiva, inclusive, ele chega a afirmar que “a casa de Nazaré, com efeito, é uma escola de oração, onde se aprende a escutar, a meditar e a compreender o significado profundo da manifestação do Filho de Deus, tendo como exemplo Maria, José e Jesus” (BENTO XVI, 2013, p. 33). Contextualizando, nesse sentido, sua reflexão, o autor corrobora a ideia de que, como sujeito de seu tempo, também Jesus

foi iniciado sobre a relação com Deus em casa, com sua família, através do cumprimento amplo dos costumes da cultura e religião (BENTO XVI, 2013, p. 36-37). Também nas catequeses de Bento XVI, sobre a oração de Jesus na última ceia, a questão *judaicidade* de Jesus aparece, implicada no fato de ser ambientada pelas celebrações familiares do “memorial da libertação de Israel” (BENTO XVI, 2013, p. 49). O atual Papa Emérito destaca seu elemento de novidade, ou seja, a instituição da eucaristia, porém, não deixa de salientar sua relação com a *berakha*, com os gestos de hospitalidade e acolhida na comunhão convival, representados, particularmente, pelo partir do pão e pela oferta do cálice e, ainda, com a oração iniciada segundo as formas rituais da tradição bíblica (BENTO XVI, 2013, p. 51-52). Talvez aqui, a consideração dos elementos de continuidade, com a espiritualidade israelita, deixe bem explicitado o significado daquela sua afirmação na *Spe Salvi*, quando escreve que “orar não significa sair da história e retirar-se para o canto privado da própria felicidade” (BENTO XVI, 2007, n.33) e, assim, atesta que Jesus reza a partir de sua experiência como judeu.

3.2 A singularidade da relação com o Pai e a realidade cristológica na oração de Jesus

Bento XVI também procura descrever a oração de Jesus como uma realidade cultivada por “um longo hábito de oração íntima com Deus Pai” (BENTO XVI, 2013, p. 8). Se por um lado, então, o autor procura compreendê-la a partir da *judaicidade* de Jesus, por outro, ele segue no desenvolvimento daquela convicção de que Jesus, como homem, era Deus, e que se deu a conhecer de um modo sempre mais inequívoco. O mistério cristológico, especialmente, experimentado e compreendido a partir da vida de oração de Jesus, é, para Bento XVI, destacado pelos evangelistas como elemento fulcral da vida de Jesus, desde o início de sua vida pública, e que na cruz alcança a mais escancarada demonstração do específico de sua identidade. No contexto do batismo, por exemplo, para o autor, “recolhendo-se em oração, Jesus mostra o vínculo íntimo com o Pai que está nos céus, experimenta a sua paternidade, capta a beleza exigente do seu amor e, no diálogo com o Pai, recebe a confirmação de sua missão” (BENTO XVI, 2013, p. 7).

Neste ponto, pode-se entrever o tema da unção da humanidade de Jesus. Tema, aliás, cuja ausência de uma teologia positiva na cristologia de Ratzinger é ressentida por alguns. De qualquer maneira, assim como Uribarri indica que “a encarnação se realiza em um processo de progressiva pneumatização da humanidade, até a ressurreição, com o corpo espiritual (cf. 1Cor 15,44), transformado em espírito que dá vida (cf. 1Cor 15,45)” (URÍBARRI, 2014, p. 110), agora, o Papa assinala que “no momento em que, através da oração, Jesus vive em profundidade a experiência da paternidade de Deus (cf. Lc 3,22b), desce o Espírito Santo (cf. Lc 3,22a), que o guia na sua missão e que

Ele difundirá depois de ter sido elevado na cruz (cf. Jo 1,32-34; 7,37-39), para que ilumine a obra da Igreja” (BENTO XVI, 2019, p. 7). Embora, com breves acenos, não deixa de estar presente, então, no Magistério catequético do Papa também esse aspecto trinitário e pneumatológico. Neste sentido, em outra catequese, ele afirma que a essência de Jesus se manifesta na sua “singular comunhão de conhecimento e de amor com o Pai, a plenitude do Espírito Santo” (BENTO XVI, 2013, p. 17). Novamente: a oração de Jesus aparece como uma realidade que atravessa toda a sua existência. Nela, é originada toda a sua atividade; nela, suas escolhas se definem, suas opções fundamentais vão sendo suportadas e os acontecimentos essenciais do seu caminho, a dinâmica de sua relação com seu Deus e Pai e das relações com todos os que dele se aproximam, aparecem como acontecimentos que brotam da oração (SILVA, 2019, p. 89). Efetivamente, conforme assegura Bento XVI, por meio da oração, Jesus “vive um contato ininterrupto com o Pai, para realizar, até o fim, o desígnio de amor pelos seres humanos” (BENTO XVI, 2013, p. 7). A oração de Jesus, desse modo, se direciona, tanto, para a contemplação do mistério divino, como para penetrar as necessidades das pessoas.

Para Bento XVI, “a oração de Jesus toca todas as fases do seu ministério e todos os seus dias. As dificuldades não a impedem” (BENTO XVI, 2013, p. 9). E ao que parece “quando as decisões são mais urgentes e complexas, a sua oração é mais prolongada e intensa” (BENTO XVI, 2013, p. 10). Aqui se evidencia o entrecruzamento de sua imersão, na religiosidade de Israel, e a novidade singular, de sua figura e mensagem: também a oração de Jesus aparece como efetivo sinal que aponta e realiza uma autêntica passagem da piedade judaica, como mera expectativa soteriológica à novidade inaudita da realidade cristológica. Declaradamente, Bento XVI procura reforçar que, se por um lado, a oração de Jesus demonstra certa continuidade entre Jesus e o judaísmo de sua época – e, assim, “o lugar deserto (Mc 1,35; Lc 5,16) para onde se retira com frequência, o monte onde sobe para rezar (Lc 6,12; 9,28) e a noite que lhe propicia solidão (Mc 1,35; 6,46-47; Lc 6,12), evocam momentos do caminho da revelação de Deus no Antigo Testamento, indicando a continuidade do seu plano salvífico” (BENTO XVI, 2013, p. 9) – por outro, esses mesmos lugares “marcam momentos de particular importância para Jesus, que, de modo consciente, se insere nesse plano, plenamente fiel à vontade do Pai” (BENTO XVI, 2013, p. 9), e, por isso mesmo, é que a sua experiência de oração, sobremaneira, torna patente a chegada do agora da cristologia.

Em outras ocasiões, sob distintos argumentos e interpretando alguns outros momentos da história de Jesus, o autor progrida na enfática perseguição do aprofundamento sobre a identidade divina de Jesus. Sua preocupação pelo esclarecimento do mistério cristológico, especialmente, a partir do contexto e experiência da oração de Jesus, se pode entrever no insistente recurso à menção da relação de Jesus com seu Deus e Pai, sua intimidade, constância e singularidade. Semelhante referência é mencionada na catequese sobre a joia do hino de júbilo (Mt 11,25-30 e Lc 10, 21-22), quando, por exemplo,

o autor aponta que tal exultação de Jesus “constitui o ápice de um caminho de oração, no qual sobressai claramente a profunda e íntima comunhão de Jesus, com a vida do Pai no Espírito Santo, e se manifesta a sua filiação divina” (BENTO XVI, 2013, p. 13). A oração de Jesus escancara, assim, a sua convicta consciência de ser o Filho de Deus e revela a sua íntima e constante comunhão com seu Deus e Pai. Na Audiência geral em que desenvolve uma catequese sobre a oração, diante da ação curadora de Deus, a ideia da singularidade da relação entre Jesus e seu Deus e Pai norteia sua reflexão. Em suas palavras, quando ora no contexto de uma ação de cura, Jesus “mais uma vez, manifesta a relação singular de conhecimento e de comunhão com o Pai” (BENTO XVI, 2013, p. 19). Nessa catequese, o autor destaca o quanto a condição de Filho de Deus torna Jesus comprometido com as esperanças, necessidades e indigências do ser humano, na medida em que, tendo sido superado o umbral da mera expectativa soteriológica, pelo evento da encarnação, se alcançou a realidade da cristologia. É de se notar que, para ele, a empatia e a solidariedade de Jesus com os excluídos e os que passam por dificuldades são derivadas, antes do mais, da consciência que possui sobre a interpenetração, na sua espiritualidade e oração, de sua identidade e atividade. Para Bento XVI, isso torna evidente o fato de que “a comunhão com o Pai e o diálogo constante com ele, impelem Jesus a ficar atento, de modo singular, às situações concretas do ser humano, para ali levar a consolação e o amor de Deus” (BENTO XVI, 2013, p. 23). Nesse ponto, ao referir-se aos casos de Lázaro e de sua família, ou dos outros tantos pobres e enfermos com os quais Jesus se solidariza, Bento XVI assinala o quanto ele “se deixa envolver com grande participação humana nos problemas dos seus amigos” (BENTO XVI, 2013, p. 19). Mesmo sua empatia e compaixão, entretanto, aparecem derivadas, essencialmente, de sua relação com o Pai: “no momento de realizar a cura”, crava o autor, “Jesus procura diretamente a sua relação com o Pai” (BENTO XVI, 2013, p. 20) e, portanto, toda a sua atividade – incluindo suas curas e milagres – devem ser interpretados em referência a essa sua “relação contínua e intensa com o Pai” (BENTO XVI, 2013, p. 21).

3.4 A oração no contexto do fim da vida de Jesus: a realização do perfeito dom-de-si

A partir da Audiência geral de 11 de janeiro de 2012, Bento XVI procura desenvolver suas catequese, contextualizando-as nos momentos derradeiros da vida de Jesus. Na última catequese desse ciclo, procura refletir sobre a relação entre oração e silêncio, e apresenta Jesus como mestre de oração. Há destaques pontuais, em que se enfatizam outros e novos elementos, até então, não refletidos; no entanto, sempre volta à tona sua tese sobre a oração como chave interpretativa da figura e mensagem de Jesus, na medida em que nela, a sua vida e existência inteiras aparecem referenciadas por sua relação com o Pai, que, que, progressivamente, o conduz ao perfeito dom-de-si. Na Audiência

geral em que apresenta sua catequese sobre a oração de Jesus na última ceia, Bento XVI assinala que o elemento de novidade, oferecido por Jesus, naquele contexto, é o dom que faz de si, através da instituição da eucaristia. Seus gestos e suas palavras constituem o sacramento da oferta e da autocomunicação. Assim fazendo, Jesus, então, antecipa a sua morte e a sua ressurreição, transformando sua páscoa em um sacrifício concreto, livre e redentor. Definitivamente, a instituição da eucaristia sinaliza e realiza aquilo que foi toda a vida de Jesus: ele mostra a sua identidade e a determinação de cumprir até o fim a sua missão de amor total, de oferta, em obediência à vontade do Pai, sendo a profunda originalidade do dom eucarístico a culminância da oração, que marca a ceia de adeus com os seus. E acrescenta: “contemplando os gestos e as palavras de Jesus naquela noite, vemos claramente que a relação íntima e constante com o Pai é o lugar em que ele realiza o gesto de transmitir aos seus, e a cada um de nós, o sacramento do amor, o *Sacramentum caritatis*” (BENTO XVI, 2013, p. 52).

Esta temática, aliás, aparece também nas homilias proferidas nas celebrações da missa *In Coena Domini*, pelo menos, nos anos de 2010, 2011 e 2012, quando essa celebração se tornou ocasião para que Bento XVI apresentasse alguns dos elementos característicos de suas reflexões de teólogo sobre o Jesus orante, agora, por meio de seu Magistério homilético (BENTO XVI, 2017, v. I, III e IV). A última ceia de Jesus com seus discípulos, seus gestos, palavras, elementos estruturais e o anúncio que ali ele realiza são, fundamentalmente, transformados em oração. Novamente, a oração de Jesus surge em seu pensamento como realidade irrenunciável, nos aspectos metodológico e hermenêutico, para o acesso seguro à história de Jesus e para a melhor compreensão daquele que constituía o núcleo de sua atividade – “a purificação do mundo, a sua reconciliação com Deus” (BENTO XVI, 2017, v. III, p. 345) – que para esse autor, tem sua realização, já iniciada por Jesus, através de seu ato de rezar. Ainda no contexto dessas homilias, o autor corrobora a ideia da relação singular que Jesus possuía com Deus, ao insistir, em aspectos que considera fundamentais na vida de Jesus: o fato de que “chegado ao seu destino, como faz habitualmente, vai rezar, sozinho e, como Filho, falar com o Pai” (BENTO XVI, 2017, v. II, p. 404); depois, o fato de Jesus chamar a Deus *Abba*, “linguagem d’Aquele que é verdadeiramente criança, Filho do Pai, d’Aquele que vive sempre em comunhão com Deus, na unidade mais profunda com Ele” (BENTO XVI, 2017, v. II, p. 404); e o fato de o elemento mais característico da figura de Jesus nos evangelhos ser sua relação com Deus. A convicção, pois, de Bento XVI, sobre a singularidade da relação entre Jesus e Deus é escancarada, quando afirma que “Ele está sempre em comunhão com Deus; estar com o Pai é o verdadeiro núcleo da sua personalidade. Através de Cristo, conhecemos verdadeiramente Deus”. E avança: “a Deus jamais alguém O viu: diz São João. Aquele que está no seio do Pai (...) O deu a conhecer (1,18). Agora conhecemos Deus, como Ele é verdadeiramente: Ele é Pai; e Pai com uma bondade absoluta, à qual nos podemos confiar (BENTO XVI, 2017, v. II, p. 404-405).

O argumento cristológico segue sendo desenvolvido nas demais catequeses, agora, contextualizado nos últimos movimentos, gestos e palavras de Jesus. Sua oração, no Getsêmani, é compreendida a partir da relação única e singular de Filho Unigênito de Deus, que se apresenta ao Pai, em sua identidade absolutamente única, exclusiva, para exprimir sua sintonia com ele, no momento em que se prepara para cumprir até o fim a vontade do Pai. Nessa sua oração, na opinião de Bento XVI, Jesus faz três menções especialmente reveladoras: na duplicação do termo “*Abbá! Pai!*” (Mc 14,36a) fica expressa a relação de ternura, de confiança e de abandono de Jesus com Deus Pai; depois, demonstra a consciência da onipotência do Pai, na fórmula “*tudo te é possível*” e o drama do humano, diante da morte, na petição “*afasta de mim esse cálice*” (Mc 14,36b); e, finalmente, atesta sua plena adesão à vontade divina, quando conclui, dizendo com firmeza: “*porém, não o que eu quero, mas o que tu queres*” (Mc 14,36c). Na unidade da pessoa divina do Filho, a vontade humana encontra sua plena realização no abandono total do eu ao Tu do Pai (BENTO XVI, 2013, p. 72). É, pois, nesse itinerário de orientação e integração da existência e da vontade humanas, em Jesus, que se dá a experiência da redenção. No Filho de Deus, o ser humano redescobre qual é o seu núcleo mais íntimo e pode experimentar o que significa a verdadeira liberdade. Essa temática volta a ser desenvolvida nas duas catequeses sobre a oração de Jesus diante da morte, em que insiste na ideia da relação contínua, singular e permanente, que Jesus viveu seu Deus e Pai e na sua extrema e total confiança em Deus (BENTO XVI, 2013, p. 77-82, 83-88). Finalmente, em sua última catequese sobre a oração de Jesus, Bento XVI procura tratar “sobre o tema do silêncio de Jesus, tão importante na relação com Deus” e apresenta Jesus como verdadeiro mestre de oração (BENTO XVI, 2013, p. 95-99).

Conclusão

Acerca da oração, na cristologia de Ratzinger, é possível afirmar que ela possui um papel fundamental. Ela figura como um princípio hermenêutico de leituras dos Evangelhos ao fazer cristologia. Além disso, Ratzinger extrai dos textos bíblicos fundamentos para a metodologia teológica. A cristologia de Ratzinger é, eminentemente bíblica, a oração de Jesus é, para Ratzinger, uma chave para compreender o Jesus apresentado nos Evangelhos, aquele que é Filho e Deus. Como apresentado, o contexto dessa questão é a crítica às tendências cristológicas atuais e ao método histórico-crítico – de maneira alguma ele o rejeita. Desse embate, já fica patente que para o teólogo Ratzinger, a teologia é uma ciência da fé e uma disciplina eclesial. Essa sua compreensão, do caráter da teologia, fica explícita quando ele reflete sobre a importância da oração de Jesus.

Ao tornar-se Papa, Bento XVI, não abandonou a temática. Ao contrário, desenvolveu algumas questões relacionadas à oração, que apenas

havia evocado enquanto teólogo, exemplo: o contexto judaico da oração e o papel da oração na espiritualidade de Jesus. No seu magistério catequético e homilético, em algumas ocasiões, Bento XVI apresentou, detalhadamente, o tema da oração. Em algumas das suas séries de catequeses e pregações, foi mais prolixo nos textos, comparando as contribuições ao tema, enquanto professor e teólogo. Original desse período foi a aplicação da oração de Jesus para o desenvolvimento de uma reflexão sobre a espiritualidade cristã. Um tema talvez compreendido como abstrato e restrito, ao gueto teológico, tornou-se palpável e, eminentemente, prático para a vida de todos os fiéis. Meta que sempre esteve em seu horizonte enquanto teólogo. Nas reflexões sobre a função da oração, na hermenêutica dos evangelhos e na metodologia teológica, já era possível detectar tal pressuposto.

Referências

BENTO XVI, PP. *Carta Encíclica Spe Salvi*: sobre a esperança cristã. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. *Jesus em oração*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *Oração e Santidade – Catequeses ao Povo de Deus*. São Paulo: Molokai, 2019.

_____. Um Caminho de Fé Antigo e Sempre Novo: *Homiliário*. São Paulo: Molokai, 2017.

BULTMANN, Rudolf. *Gesù*. Brescia: *Queriniana*, 2003.

JUNKAL, Guevara Llaguno Miren. Método histórico-crítico vs. Acercamiento Canónico? Los métodos y acercamientos em J. Ratzinger. In: *Proyección. LV*, 2008, p. 151-160.

RATZINGER, Joseph. *Dogma e Anúncio*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. Escatología: la muerte y la vida eterna. In: *Obras Completas X: Resurrección y vida eterna: contribuciones a la escatología y a la teología de la esperanza*. Madrid: BAC, 2017.

_____. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. 2. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

_____. *Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração*. 2. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

_____. *O caminho Pascal*. 2. ed. Lucerna, Cascais: Principia Editora, 2019.

_____. Cristo e sua Igreja. In: RATZINGER, Joseph. *O Caminho pascal*: São Paulo: Loyola, 1986b, p. 111-131.

- _____. Cristo y la Iglesia. In: RATZINGER, Joseph. *Un nuevo canto para el Señor*. Salamanca: Sigueme, 2005c, p. 41-48.
- _____. Cristo, El redentor de todos los hombres. La unicidad y universalidad de Cristo y de su Iglesia. In: RATZINGER, Joseph. *Caminos de Jesucristo*. Madrid: Cristandad, 2005e, p. 55-76.
- _____. El poder de Dios, esperanza nuestra. In: RATZINGER, Joseph. *Un nuevo canto para el Señor*. Salamanca: Sigueme, 2005d, p. 49-69.
- _____. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005a.
- _____. Interpretação bíblica em crise: Sobre a questão dos fundamentos e a abordagem da exegese hoje. In: POTTERIE, Ignace de la. (org.). *Exegese Cristã Hoje*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 111-149.
- _____. Jesucristo, hoy. In: RATZINGER, Joseph. *Un nuevo canto para el Señor*. Salamanca: Sigueme, 2005b, p. 11-39.
- _____. *Jesus de Nazaré. Do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Planeta, 2007a.
- _____. *Natureza e Missão da Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. Puntos de referencia cristológicos. In: RATZINGER, Joseph. *Miremos al Traspasado*. Santa Fe: San Juan, 2007b, p. 11-57.
- _____. Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem. In: RATZINGER, Joseph. *O caminho pascal*. São Paulo: Loyola, 1986a, p. 70-82.
- SILVA, L. C. P. S., Mensagem do Mistério de Cristo: a proclamação de Jesus sobre o Reino de Deus na teologia de Joseph Ratzinger e no Magistério de Bento XVI. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- VIDAL, Taléns. José. Mirar a Jesus e “ver” al Hijo de Dios; hecho hombre para nuestra Redención. Aportación de J. Ratzinger a la Cristología contemporánea. In: MADRIGAL, Terrazas Santiago. *El pensamiento de Joseph Ratzinger. Teólogo y Papa*. Madrid: San Pablo, 2009, p. 67-100.
- URÍBARRI, Bilbao Gabino. El neocalcedonismo de Joseph Ratzinger. Implicaciones para la teología de la unción y de la voluntad humana de Cristo. In: ESNAOLA, Mario et al. *La unción de la Gloria: Em el Espíritu, por Cristo, al Padre. Homenaje a Mons. Luis F. Ladaria, sj*. Madrid: BAC, 2014, p. 81-111.
- _____. Para uma interpretação teológica de la Escritura. La contribución de J. Ratzinger – Benedicto XVI. In: MADRIGAL, Santiago Terrazas. *El pensamiento*

de Joseph Ratzinger. *Teólogo y Papa*. Madrid: San Pablo. 2009, p. 25-66.

_____. La oración de Jesús según J. Ratzinger, teólogo y papa. In: *Estudios Eclesiásticos. Revista teológica de investigación e información*. v. 91 n. 357. Abril/Junio 2016. p. 363-390.

Artigo recebido em 28/10/2020 e aprovado para publicação em 02/12/2020

ISSN online 2763-6992

ISSN impresso 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v20i39-2021-9>

Como citar:

OLIVEIRA, Thadeu Lopes Marques de; SILVA, Luis Carlos Pereira Santos da. O papel da oração de Jesus em Joseph Ratzinger/Bento XVI. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 39, p. 179-200, jan./jun. 2021. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br